

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Bom, gente, agora eu vou passar a palavra para a Jornalista Vilma Fazito, para que ela possa relatar pra nós a suas experiências e as convivências nesse período.

VILMA FAZITO: Boa tarde a todos, boa tarde aqui aos presentes na mesa, e um grande abraço a uma pessoa que não está aqui, que é o Dídimo de Paiva, grande jornalista, e que foi um importante sindicalista na nossa área, e que foi a pessoa que me indicou para o Sindicato dos Jornalistas, e para a Casa dos Jornalistas, onde eu habitei durante alguns, alguns anos. Então eu... O meu depoimento, ele se basear basicamente na minha estada na TV Globo, eu tive em alguns outros jornais, estive inclusive em jornais (trecho incompreensível) como o Jornal Movimento, é... Onde eu também prestei alguns trabalhos e tivemos algumas experiências bastante ruins mesmo, que diz respeito à questão da censura e da retenção (trecho incompreensível), principalmente (trecho incompreensível) naquele período. Bom, eu resolvi escrever o meu depoimento para não correr nenhum risco, e riscos de equívocos, ou até mesmo de ficar emocionada, ou de não me lembrar de todos os detalhes, de todas as informações, de todos os casos. Então vamos lá, gente. Eu agradeço a oportunidade de estar aqui, na Comissão da Verdade, para falar um pouquinho da minha história na TV Globo, para todos vocês que tiveram um papel importante na luta pela democratização do nosso país. Aproveito o momento para fazer uma homenagem às centenas de pessoas que foram mortas, torturadas, reguladas como se fossem (Trecho incompreensível) do regime militar, responsáveis pelo atraso em 20 anos no crescimento do Brasil. Não sei se eu seria a pessoa ideal para falar sobre e censura em televisão, acredito terem pessoas mais (trecho incompreensível) para explanação sobre o assunto, mas vamos tentar, se a memória me permitir. Inicialmente eu gostaria de dizer que a minha experiência na TV Globo foi de quase 10 anos. Comecei em Fevereiro de 77, e saí em meados de 1986, a maior parte do tempo como repórter, embora eu tenha ficado alguns meses na chefia de reportagem. Todo esse período eu acumulei com diretorias do sindicato e casa dos Jornalistas. Cheguei a ser durante um tempo, o que passou a se chamar na época, Repórter Nacional, no entanto, as chefias perceberam que o meu perfil não era muito global, e me dispensaram dessa função. Realmente, não dava para ser conivente com as ações de uma emissora que andava de mãos dadas com a ditadura, logo, é claro, eu necessitava de um emprego, né, gente? Roberto Marinho, em 1984, quando iniciava o processo de redemocratização, escreveu um editorial no Globo, cujo o primeiro parágrafo na íntegra foi o seguinte: "Participamos da Revolução de 1964, identificados com os anseios nacionais de

preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social, e corrupção generalizada. Quando a nova relação foi invadida com tropas antirrevolucionárias, mantivemo-nos firmes em nossa posição, prosseguimos apoiando o movimento vitorioso, desde os primeiros momentos de correção de rumos, até o atual processo de abertura. Recentemente, por meio de William Bonner, a Globo pediu desculpas à nação, como se isso resolvesse os anos de aflição que a emissora ajudou a encobrir”. Bom, voltando à minha participação na TV Globo, foram tempos difíceis. Quando entrei na emissora, os ditos censores da Polícia Federal já não mais estavam na redação, lendo textos, escutamos entrevistas, e cortando o que bem entendia. Quando não exigiu que aquele assunto não deveria ser tratado. Segundo os meus colegas de redação, os censores não tinham noção do que estavam fazendo, e trechos de reportagens eram cortadas, simplesmente porque o sujeito não entendia o que ele lia. Isso é verdade, viu gente. Verdade mesmo. Com a saída dos censores, os colegas jornalistas passaram a conviver com a autocensura, que já foi dita aqui pelos colegas, talvez pior que a própria censura. As ordens de não divulgar essa ou aquela matéria tem um destino, no Rio de Janeiro, onde Alice-Maria e Armando Nogueira davam as ordens expedidas pelo velho Roberto. Nos (trecho incompreensível) anos 1970, não podíamos utilizar as palavras greve, deveria ser substituída por paralisação. Anistia? Nem pensar, mas a gente podia usar o termo perdão. Vê se pode, gente? Ditadura? Nem pensar. E aí a gente ia driblando a nossa autocensura e a censura do regime, via emissora, procurando usar a criatividade, mas nem sempre dava certo. Tínhamos um programa de entrevistas que se chamava Painel, onde tratávamos de pautas sobre diversos assuntos de cultura à política. Era uma produção local muito interessante, ordenada e idealizada pelo saudoso Valfrido Degramon, nosso Editor Geral. Naquela época, a sucursal de Minas ainda tinha uma certa autonomia, hoje é completamente dependente da Globo carioca. Certa feita, chamamos para gravar o programa o nosso colega Dídimo de Paiva, então Presidente do Sindicato dos Jornalistas. E ele falava sobre a situação política, o movimento sindical, e outros assuntos que apesar da vigência do AI-5, fervilhavam nas rodas de conversa. O Editor do programa era Vil Falcão, gravamos a entrevista e o Dídimo falou à vontade sobre tudo, inclusive utilizando termos como greve, anistia, ditadura e etc. Resultado? Fomos chamados à Polícia Federal, que seríamos enquadrados, caso Valfrido não se responsabilizasse por tudo. Ele nos livrou do pior, mas foi decretado para São Paulo com cargos e salários mais baixos, morreu do coração pouco tempo depois, eu acho que foi até de desgosto, gente. Bom, uma outra ação da censura, que ficou marcada na memória, foi a cobertura feita pela minha equipe sobre a história

de um operário que, suspeito do furto de um rádio de pilha, foi torturado com tanto furor pelos policiais civis de Belo Horizonte que ficou parálítico. O rapaz chamava-se Jorge Defensor, e o fato ficou conhecido nacionalmente como Caso do Defensor. Isso foi em 1977, e rendeu à uma equipe do jornal do Estado de Minas o prêmio Esso regional de jornalismo. Vivíamos com raiva na previdência, e Aureliano Chaves era o Governador de Minas. O ocorrido blemático na história do nosso jornalismo, naquela época... (trecho incompreensível) tradicionais, conseguiram denunciar as torturas nos cárceres brasileiros, que não eram arrancadas só em presos políticos, mas também nos comuns. Chegada a Polícia Metropolitana de Belo Horizonte... (trecho incompreensível) tratamento, policial com fama de poderoso e torturador. Embora a TV Globo tenha sido a primeira emissora a receber a denúncia sobre a presença de Defensor no Hospital São Francisco, onde ele estava internado, as chefias só resolveram fazer a matéria quando o Estado de Minas publicou quanto à repercussão. Então, lá vamos nós fazer a cobertura. Ao chegar, portas fechadas. Pulamos janelas, entramos na enfermaria, e fizemos uma entrevista emocionante. Matéria humana, e mais do que isso, de denúncia. Mesmo assim, a Globo só publicou nos jornais locais, o Rio não se interessou. No dia seguinte era manchete nos maiores jornais do país, com a visita de Aureliano Chaves ao Defensor, depois disso tudo, a Globo, na rabeira dos outros, se redimiou, e aí sim passou a fazer a cobertura nacional. E (Trecho incompreensível), como ficou nessa história? Horrorizada com o telefonema que julguei ser de gente da Metropol, ameaçando a mim e à minha família, mas, felizmente, não deu em nada. E (Trecho incompreensível) da Metropol mesmo, porque o nosso amigo de tratamento já me conhecia em função de uma matéria que eu havia publicado no Jornal Movimento, denunciando a tortura que teriam feito aqui em Belo Horizonte. Um outro caso interessante foi a cobertura da greve das garis. Não me lembro bem o ano, mas os movimentos sociais e reivindicatórios começaram a pipocar, elas saíram em passeata pela Avenida Afonso Pena, até à frente do DOPS, vejam só para onde essas meninas foram. Não sei o que queriam lá, movimentos espontâneo e sem autorização. Foram recepcionadas com bombas de gás lacrimogênio e cassetete. Correria geral, e sobrou até para mim. A Globo deu uma nota coberta pequena, menosprezando completamente o movimento das moças e, sobretudo, deixando de mostrar a violência da polícia. Por essas e outras, com a emissora deixando de cobrir os acontecimentos com exatidão, nossas elites eram execradas pelos movimentos populares. Certa vez, estando em uma reportagem sobre uma das greves de professores, fazia uma passagem, que é quando a gente aparece, dando uma informação, eu fui impedida e ameaçada, praticamente expulsa do

local. O mesmo ocorreu com o movimento dos operários da construção civil, na antiga sede do Atlético de (trecho incompreensível). Tivemos que trabalhar bem escondidos, nosso cargo foi também abordava na época. Essa postura da emissora demonstrava não somente o aspecto comercial, pois as verbas publicitárias do Governo eram consideráveis, mas em especial a questão ideológica. Nossos veículos de imprensa, mesmo nos anos negros da ditadura, sempre nos defendeu das posições do poder, e a Globo não (trecho incompreensível) à regra, é claro que tinham algumas exceções, como o Estadão aqui foi dito hoje, né? Mas a pior das lembranças, da passagem pela mais poderosa emissora do país, deu-se na época das Diretas Já, no início dos anos de 1980, quando já tínhamos já, né? Um período de censura bem menor. Mesmo com o processo de redemocratização em curso, a emissora se negava a admitir a legitimidade do movimento. Mandava repórter cobrir, mas não colocava no ar e quando o fazia, era uma pequena nota coberta. Custou a admitir que os textos começavam a mudar e que ninguém mais segurava a força do povo, o povo que queria a volta do irmão doentio e muito mais.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Vilma, muito obrigada. Eu vou passar agora para a Jornalista Miriam Cristo.

MIRIAM CRISTO: Bom, gente, eu espero que o relato seja breve, tão breve também quanto à minha pequena importância nesse cenário, eu fui apenas uma repórter, uma jovem repórter feminista, que participou no seu tempo, e que não sofreu consequências muito duras, em uma época muito difícil, muita crueldade, muita violência, eu não... Eu não sofri essas violências. Mas eu gostaria apenas de lembrar alguma coisa que, eu acho que o poeta chama, Rimbaud, acho que eles chamam de ar do tempo. O ar do tempo é uma coisa muito confusa, ela inclui os sentimento que as pessoas têm, o aparato policial, as relações sociais, então é uma coisa que talvez a gente não possa mensurar, né? (Trecho incompreensível), trabalho aqui documentos, com depoimentos, mas como que eram aqueles tempos? A gente brincou muito aqui, bom que a gente faça isso, também, a gente tem que (trecho incompreensível) um pouco da vida, mas a gente não pode também deixar esquecer que eram tempos onde havia muito medo, as pessoas sofriam muito medo de fazer as coisas mais banais, principalmente no caso dos jornalistas. Então eu considero que aqueles tempos, 70 e pouco, 80, 80 e pouco, enfim, eram tempos, que eu gosto de chamar um pouco de heroicos, porque nós que estávamos envolvidos, ligados às imprensas, como por exemplo, qualquer jornal, a televisão, a própria Vilma relatou a experiência dela, mas depois (Trecho incompreensível) falar diretamente da empresa alternativa, a gente sentia muito medo. A gente ouvia falar de pessoas que desapareciam, de pessoas que eram torturadas, e a

gente se perguntava se aquilo poderia acontecer com a gente, se a gente ia ter força pra enfrentar aquilo tudo. E ao mesmo tempo, a medida que a gente ia se informando, que a gente ia lendo, que a gente ia aprendendo, era como se fosse uma lógica inexorável que empurrasse a gente, justamente para o lugar onde a gente tinha mais medo. Então como feminista, por exemplo, eu me lembro, uma reunião na casa da Bete (trecho incompreensível), lá no Pontes, onde a gente discutia feminismo, as razões, porque as mulheres estavam em uma situação de tanta subalternidade, numa situação de tão bem inferioridade, e a nosso ver, naquele momento, tudo conduzia a uma espécie de exploração capitalista que se dava, quer dizer, não que a gente achasse que na sociedade socialista o problema da mulher estaria resolvido. De maneira nenhuma. Era a nossa diferença, inclusive com a esquerda, a gente não comprava essa ideia que, uma vez a sociedade socialista, o problema da mulher seria resolvido. A gente olhava pra a Rússia, que naquele tempo não existia a Rússia, e vi que lá as coisas não tinha se resolvido. Mas aqui no Brasil a superexploração, que a gente chamava de mais valia, a superexploração da mão de obra feminina, como é que ela entrava como alimentadora ali da força de trabalho, como é que ela era retaguarda de uma situação de exploração maior. Tudo aquilo que a gente ia descobrindo, ía nos dando um medo, um pavor, porque se pensava, então o que é isso, as coisas são assim, eu tenho que escrever sobre isso, mas isso pode me trazer grandes problemas, e o problema maior era sempre o medo de ser preso, de ser torturado. A gente discutia, e se a gente for preso, será que a gente vai ter força para enfrentar uma repressão? Eu me lembro, uma amiga, a Júlia Monteiro, feminista, já falecida, um tempo atrás, há pouco tempo, ela me falou uma coisa que não me consolou em nada, ela falou assim, “não, mas à medida que a gente for participando das coisas, a gente vai ganhando mais força no processo, entendeu?” E eu olhei aquilo e pensei “não sei não, né? Assim, difícil, sabe se é muito bom a gente discutir na mesa dum bar, a gente beber, a gente conversar”. À época também, a gente, Foucault, ele não gostava muito desse tempo a época, a época medieval, a época... Porque parece que é tudo muito organizadinho, tudo muito parecido, tudo muito igual, muito harmônico. Não é, é tudo muito confuso, muito confuso. Então na década de 70, 80, ela tinha essa barbaridades todas, tinha censura, ou tinha tal censura, tinha medo, tinha tortura, e tinha muita festa, sexo, muita droga, também era graças a Deus era ótimo, entendeu? A gente se divertia muito. Então assim, se divertia loucamente, então ainda bem, não é? Então a gente tem que pensar um pouco nesse todo mesmo, depois (trecho incompreensível), mas só para (trecho incompreensível), assim, o livro, como é que as coisas vão ser encadeadas, as entrevistas, mas já deu para perceber aqui o que as pessoas se falavam, porque tem coisas

muito engraçadas, tem outras esquisitas, e tem outras trágicas. Então assim, só para dar um exemplo também, assim, eu trabalhei em 74, 75, se eu não me engano, talvez até 76, no Jornal de Minas, que era uma geração maravilhosa. Tínhamos uma relação maravilhosa de profissionais, que não eram os grandes profissionais que se tornaram depois, mas já eram pessoas jovens e muito talentosas, e muito engajadas, até porque, nessa época, a gente acreditava na ideia que a gente podia meio que se infiltrar nas redações, e passar subliminarmente alguma mensagem. Então haviam coisas assim, quando, por exemplo, vestibular da UFGM, saía o resultado do vestibular da UFGM, a gente (Trecho incompreensível) o Tatá, a manchete que o Tatá deu, assim “sai o resultado do vestibular da UFGM, 20 mil ficam de fora”. A gente tentava de toda maneira enfiar as informações que a gente achava que o povo devia saber, né? Óbvio que a gente era contra aquele sistema de seleção, vestibular, e outras coisas mais, né? Mas então ali o Jornal de Minas, como (Trecho incompreensível) Sônia, pessoa maravilhosa, (Trecho incompreensível), com uma paciência muito grande assim. Ronaldo, comigo paciência imensa, porque eu, assim, chovia, eu achava que eu não podia ir trabalhar. Não, tá chovendo, por quê que eu vou ir trabalhar? Não vou. Isso havia uma matéria, e não conseguia ver a matéria, eu voltava para a redação, aí a Sônia sentava comigo e falava “Miriam, não é assim que funciona uma redação. A gente está esperando a sua reportagem, então você tem que vir cá e falar que a reportagem não ficou pronta”, olha a paciência, né? Que a Sônia tinha. Enfim. Então tinha àquela liberdade, havia muita criatividade, uma campanha muito bacana, que o Jornal de Minas fazia, que era contra o fim das montanhas de Minas Gerais, pela MBR, que foi uma campanha... É. Exatamente, acho que era principalmente conduzida, e uma situação, aquilo que eu tô falando com cês, uma redação com muita liberdade, pessoas muito inteligentes, e quem que era o dono do jornal? (Trecho incompreensível) Afonso Paulino, vulgo Minhoca, Minhoca, conhecido como pessoa, vamos dizer, íntima do círculo de repressão, a visão minha. Então o Afonso Paulino ficava na sala dele, ele tinha empregados, ele tinha empregados que ele tirava de Neves, pessoas, às vezes, condenadas há 20, 30 anos, ele se responsabilizava. O Zeca Diabo era um deles, né? Os capangas, vamos dizer assim. Na porta da sala dele ficavam dois ou três cães grandes, conseguia fazer uma (Trecho incompreensível) salarial, você tinha que passar mais ou menos por esse ambiente assim, né? Então, tudo muito bom, muito bom, muito alegre, nós tínhamos aquilo, mas era assim que vivia lá o... A gente (Trecho incompreensível) Aloísio lá na, lá em baixo, lá na oficina, lá na oficina, Aloísio de Moraes era chefe da oficina, né, Aloísio. O Sapo que era uma personagem maravilhosa, vai falar, né? Então eu vou deixar, (Trecho

incompreensível) uma pessoa bacana, eu lembrar aqui. Falava com os chefes do Jornal de Minas, chamado Maleta. Mas enfim, então tinha esse misto de liberdade, esse misto de repressão, esse misto de medo, esse misto de heroísmo, até um dia que o Vladimir Herzog foi morto pela repressão, aí as coisas ficou mais complicada, porque o Jornal de Minas publicou, no dia seguinte, um editorial de página inteira, favorável... Primeira página, página inteira, favorável à morte do Vladimir Herzog, tipo assim, eles tão dizendo uma coisa assim, dessa vez foi um deles, é guerra, nós estamos vivendo uma guerra. Então, de repente, por mais liberdade que a gente tivesse ali, a gente se deu conta que a gente estava em um terreno minado, que a gente estava dentro de um jornal que era favorável à morte de jornalista, então a contradição foi muito forte. E aí é isso, quer dizer, as pessoas saíram, o Aloísio vai falar do projeto, a gente... De repente a gente sentiu muito vivamente essa contradição, e pensamos “a gente quer escrever em um jornal, que a gente escreva aquilo que a gente realmente acredita, a gente quer escrever aquilo que a gente acredita, e não ser apenas alguém que para pra escrever alguma coisa, a gente tem que ter esse espaço assim”. Aí o Aloísio vai e conta a história da Fundação do que eu falo, né? Mas eu, só para terminar um pouco essa história assim... Depois da morte do Herzog, depois do editorial, imediatamente eu fui promovida à editora, o que era o que era uma coisa muito boa, eu era repórter fui promovida à editora. E um ou dois dias depois que eu promovida à editora eu fui lá conversar com o Afonso Paulino e pedi minha demissão, numa posição muito constrangedora, passar por aqueles cachorros, aquelas coisas todas, usar cadeado, não sei o que. E sentei na sala com o Afonso Paulino, e aí o Afonso Paulino me disse, “você está saindo do jornal, porque te falaram que eu participo da repressão, que eu sou um torturador, não é isso?” “Não, não, de maneira nenhuma, eu não... Estou com planos.” Imagina, você acaba de ser promovida à editora, que é tudo que você quer, que o jornalista quer, e você pede demissão e ele me fala isso. Aí ele me falou ainda, terminou assim “não, eu não sou torturador, apenas eu tenho uma sala no DOPS, com o meu nome, sala Afonso Paulino.” Pois é, então é isso, então muito obrigado pela promoção, estou indo embora, e fui fazer minha vida por aí, trabalhei em outros lugares, também trabalhei na Globo, trabalhei (Trecho incompreensível), e apenas, não por causa (Trecho incompreensível), mas mostrou para mim que as coisas escapam também, né? Esse caso que ela contou do Jorge Defensor, é o caso que escapou a toda vigilância da Globo, que era imensa, que era uma vigilância tão grande, que quando eu trabalhei lá, por exemplo, eu fui fazer uma matéria, naquela época uma das primeiras feiras de livros que havia ali na Praça Sete. Aí aquelas matérias de repórter que você tem que destacar alguma coisa, né? E eu resolvi destacar assim,

no meio desses livros todos? O livro mais pesado que tem aqui nessa feira, pesado mesmo, pesava lá dois quilos, três quilos lá com... Capital. Quando eu cheguei na redação, que fui procurar a matéria, na minha cabeça já estava sendo pedida. Por que Capital? Era um catatal desse tamanho, o Capital que ninguém lia, aliás, né? Desse tamanho. Porque lá, tal, fui explicar etc. etc. etc. E afora outras coisas pequenas também. Outra vez escrevi uma matéria assim, olha, está correndo, fechamos o jornal, vamos correndo fazer uma matéria ali na Avenida João Pinheiro, porque os casarões estão todos se transformando em casas bancárias, em não sei o que, não sei o que lá, você tem 40 minutos para fazer a reportagem. Eu corri com o carro de reportagem, fui lá e filmei, e saiu essa matéria acho que no Jornal Hoje. Aí até nem era uma boa matéria, a frase nem era boa, mas eu só falava, olha, onde haviam aqueles casarões, a frase não é boa, a boa era mundo frio do capitalismo lá dentro, com àquelas luzes assim de bancário, também foi pedido da minha cabeça, não pode, não pode, nananá... Enfim, assim, então era isso que acontecia, alguma coisa escapava, outra coisa ficava, você ficava sob ameaça, você ficava inseguro, você não sabia o que fazer, você queria combater, ao mesmo tempo você estava dentro duma emissora, muitas vezes você era hostilizada, muitas vezes, nas ruas, como ainda hoje acontece, a meu ver, equivocadamente, equivocada assim, até o fim que é um absurdo, as pessoas maltrataram jornalista na rua, se quiser maltratar, se está contra a Globo, vai lá gritar contra a Globo, entendeu? Mas não, jamais, atacar jornalista. Essa é a minha posição, assim, ferrenha contra muitos amigos, que acho muito estranho ainda jornalista que comemora fechamento de jornal, porque isso é uma maravilha, fechar jornal, enfim... Mas isso não vem ao caso. É apenas pra lembrar, também fechano mesmo, lembrar, que a gente não fica só restrito ao passado, acho que o objetivo dessa Comissão da Verdade não é levantar a verdade, a história do que aconteceu e nunca mais vai acontecer, não, continua acontecendo, continua, o (Trecho incompreensível), não é? Continua acontecendo. Um dos últimos episódios que eu me lembro, é um aluno meu que fez um TCC, Trabalho de Conclusão de Curso, se chama liberdade, essa é a palavra, quando ele mostrou a censura do Governo Aécio, que mandou demitir três ou quatro jornalistas que estavam cumprindo a sua função, um deles, aliás, chefe, editor regional da Globo, o aluno fez provavelmente a censura (Trecho incompreensível) Andrea Neves, e o Governo democrático, entre aspas, de Aécio Neves. Então as coisas continuam, né? A gente tem que ficar atento, que isso é censura, não é uma coisa só do regime militar de antigamente, existe uma censura que continua hoje, talvez de cunho mais econômica, que é o medo do desemprego. Mas, enfim, é preciso ficar atento e forte. É isso, gente. Obrigado.



INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Obrigada, Miriam. Agora eu passo a palavra para Luiz Moraes.

LUIZ MORAES: Boa tarde a todas e a todos. Eu acho que vou dividir aqui a minha fala em três... Três... Três espaços. Primeiro falar um pouco da minha experiência, quando eu iniciei, né? E como eu convivi com isso, que já foi falado, (trecho incompreensível) censura da censura, não é? E depois sobre alguma revista que a gente fez, conhece e sabe desse episódio, uma revista, uma peça rara hoje, ela inclusive já foi doada para o Memorial da Anistia, que está sendo instalado ali na Rua Carambola, no bairro de Santo Antônio, e é uma revista que foi censurada da capa até a contracapa. Ela recebeu o carinho da censura de todas as páginas praticamente. E depois falar sobre o Jornal de Fato, que é um jornal que a gente teve aqui durante três anos e que foi, sofreu a violência aí do terror, e foi invadida, a sede dele foi invadida de madrugada e tal. Bom, eu comecei no jornalismo quando ainda era estudante de comunicação, no começo da década de 60. Eu fui fazer estágio no Jornal de Minas, esse Jornal de Minas que a Miriam falou aqui. Eu fui para lá estagiar, e por sorte ou azar, eu acho até mais sorte, porque a gente gostava disso, eu fui ser... Acompanhar o repórter de polícia, e diziam que a polícia era a grande escola para você aprender o jornalismo. E realmente pra mim foi, eu pude testemunhar isso. E então eu fui acompanhando (trecho incompreensível) o jornal tinha dois repórteres de polícia, era um jornal... O Jornal de Minas era... O jornal era mais... Mais pobre, e tinha dois titulares, repórteres titulares, e me puseram para ser opção o Sancho Pança ali do titular e acompanhando. A gente na época fazia uma... Pegava o carro e cortava todos os... Principais pontos de notícias. E uma delas era o Instituto, como é que chama? Instituto de Investigação... Aqui na Alagoinhas. Vê aí... Departamento de Investigações. E lá que ficava o tal Braga Neto, que a Miriam já abordou aqui. Então lá, né? Que eu pude ver os horrores, o que acontecia com o cidadão, com os pobres, e não saía nada na imprensa, porque a... a autocensura, e mesmo... O repórter já ia atrás de notícia e já sabendo que certos assuntos medonhos, nem tocar de mais, não vai para frente. E ali então eu pude ver preso sendo torturado com concorda. A cocorda era uma lata de pneu assim, ele pegava e mandava os presos ficar assim, e batia nele para conversar, para torturar. Lá mesmo, de vez em quando a gente ficava circulando pelos corredores, e de repente via um sujeito, um preso saindo de um banheiro com a cabeça toda molhada, o quê que aconteceu? Ele foi, né? Sofreu um afogamento lá na, na... Delegacia lá, na sala ali. Então tinha aqueles afogamentos e a gente via aquilo ali, eu era um mero estagiário, não podia falar nada. O meu... O repórter titular era nada mais, nada menos, do que um... Ele era repórter, e ao mesmo tempo era funcionário

do... Da medicina legal, que funcionava nos fundos do jornal. Então ele tinha dois empregos, era só andar alguns metros e ia cumprir a dupla jornada. Então, e ele era da polícia, e não contava nada disso, e eu assistindo aquilo tudo, o tratamento, né? Era a maior violência que já vi, que acontecia lá. E ao mesmo tempo o tratamento que se via. A imprensa lá com cafezinho, todo dia tinha uma espécie de preleção, recebia lá com cafezinho, todos os repórteres de Belo Horizonte e tal, eram recebidos em determinado horário. E, bom, isso, e enquanto isso na redação, o que a gente via era o... Eu lembro que a sala dos revisores tinha um quadro de aviso e ali, todo dia, era pregado o aviso da Polícia Federal, enumerando ali os assuntos proibidos do dia, e ficava ali na revisão uma cópia justamente para os revisores ficarem de olho e não deixar nada passar nada debaixo da perna. Mas a gente tentava driblar isso, como a Miriam falou, tentava driblar e tal, depois eu acabei sendo contratado lá no Jornal de Minas, eu passei a ser um incômodo lá dentro da redação, e me desceram pra a oficina, então eu fui, como o Washington foi, Secretário de Oficina, que era a pessoa que dava o ok nas páginas todas, catava os erros, possíveis problemas. E ali também eu pude viver e ver como é que a censura atuava, porque, de repente, uma manchete era trocada, o jornal era na época do chumbo ainda, era impresso em chumbo, o estanho e o chumbo. Então volta e meia tinha que mudar título, tinha que mudar manchete, o cara vinha uma ordem de cima para mexer ali. E a Miriam citou aqui o Tustão, o Sapo, né? Era um vendedor de jornal que tinha aqui em Belo Horizonte, muito interessante, ele tinha um vozeirão muito grande, então ele saía, é, a gente... Ele vendia o Jornal de Minas. Então, a gente... Ele era um analfabeto, então a gente que tinha de ditar para ele a manchete, e ele guardava tudo de ouvido. Então todo dia eu tinha que passar as manchetes ali, ele guardava e saía pela rua aqui no centro gritando a manchete. Então teve um dia que foi até engraçado, porque o Luiz Otávio Madureira Horta, o Tatá, falecido, era um cara muito criativo, e ele fazia as manchetes do jornal. Aí quando teve lá, derrubaram a ditadura na... Em Portugal, aí nós estávamos no período do... Aí o Tatá falou "é agora", então ele pôs o título da manchete do jornal, Portugal, dois pontos, presos na rua, polícia na cadeia. E eu passei aquilo pro Sapo, o Sapo saiu gritando aquilo isso pelos cantos cidade, aquilo deu maior problema. E daqui a pouco já está a polícia, que negócio é esse, preso na rua, polícia na cadeia? Mas então era isso, a gente convivía muito com essa censura e a autocensura, também, né? O Flávio, acabou de sair, ele tava me lembrando aqui no intervalo que esse Jornal de Minas, antes, anteriormente... Antes ele chamava de O Diário, que era da igreja católica. E ele estava lembrando de uma pesquisa que ele fez que, no dia 18 de dezembro de 68, O Diário, saiu com uma tarja na primeira página falando que a partir daquele dia que ele estava

sobre, sob censura, alertando os leitores. Eu achei interessante isso. Bom, mas mudando de assunto, eu queria falar aqui que, com eu atuei bastante com a imprensa alternativa, ainda atuo, que eu sou dos jornalistas livres. Hoje trabalho, tô meio que pendurando as chuteiras na grade imprensa e, mas vou continuar aí na imprensa alternativa. Mas, então eu queria falar sobre outras experiências que nós tivemos, na década de 70, que a gente criou quatro publicações aqui em Belo Horizonte. A primeira delas foi o jornal Gol a Gol, se pegar com (trecho incompreensível) chifra. É um jornal que, do DCE, da Federal, DCE funcionava aqui na Guajajaras e o Virgílio Guimarães de Paula, o deputado, hoje ex-deputado, ele foi eleito presidente do DCE. E era a diretoria muito interessante dessa época, uma pessoa muito criativa e tal e uma ideia excelente que eles tiveram, foi de comprar uma máquina impressora que rodasse um tamanho, um tamanho duplo ofício. É esse aqui, o duplo ofício, é esse aqui. Então eles compraram a máquina, a máquina chegou, era uma novidade até, né? Negócio de (Trecho incompreensível), como se fosse uma internet chegando na época. Então chegou a maquininha lá, eles contrataram o gráfico, mas aí e ali? Quem vai fazer o jornal? Aí eu fui indicado pela Cecília Magalhães Gomes, falecida, ela que indicou. “Ah, tem o Aloísio e tal e tal”, aí me indicaram pra ir fazer o Gol a Gol. E eu na época eu praticava, com o hoje teatrólogo, Rodrigo Lespe, a gente já tava trocando ideia de criar um jornal na época, isso foi em 72/73. Então a gente já tava com a ideia de criar uma publicação na época, aí o (Trecho incompreensível) para fazer o Gol a Gol, e... Mas ninguém do DCE entendia de jornal, então entregaram o jornal para a gente. Oh publica aí, me deram um assunto lá e tal, e... a gente fez um número zero então a troca de caixa, mas quando o jornal ficou pronto já era dezembro, meados de dezembro, os estudantes já estavam todos de férias e tal e o jornal ficou, ficou encalhado. (Trecho incompreensível) “E agora, o que nós vamos fazer?” Aí eu, e a gente tinha um trato ali, um monte de maluco, de ilustradores, um pessoal muito criativo. (Trecho incompreensível) nós fizemos o jornal e ele vai para o lixo, então vamos vender. Puzemo de baixo do braço e fomos vender na feira lá da Praça da Liberdade, esta da Afonso Pena, na época, era na Praça da Liberdade. E aí fomos vender lá e o negócio vendeu feito água. E aí fomos vender na porta de teatro e tal, num segundo o jornal esgotou. Vendemos tudo, levantamos uma grana que a gente não imaginava, “e agora o que vamos fazer com esse dinheiro?” Ter que devolver pro DCE, não vamos. E ia virar lixo, aí poxa, vamos fazer o nosso jornal então. E aí que a gente partiu para fazer o jornal e eu acabei esquecendo de trazer, é o jornal que se chama Vapor. A gente fez o... Enfim, acabamos ocupando uma sala da DCE, o pessoal ficou sem jeito de expulsar, virou nossa redação lá e o DCE então rodava o jornal aí, pagava o papel e a tinta e os funcionários e eles

rodavam. Então a gente fez o Vapor, foram quatro edições que era um... O Vapor era desse tamanho assim, era um jornal. Aí... Aí, lá em 75, final de 74 a 75, vamos fazer uma revista intermediando uma edição e outra do Vapor. Aí fizemos essa revista que chamada Sífilis. E aí no primeiro número nós demos uma sorte que a gente entrevistou um ex-integrante da TFP, todo mundo sabe o que é TFP aqui, Tradição Família e Propriedade. Era um grupo de direita, né? Que existia aí, ligados à igreja e tal, que existia no país na época. Então esse cara contou os bastidores lá do... Da TFP e tal, como é que era, e era um assunto que ninguém ainda tinha abordado. E o negócio acabou repercutindo, então o Jornal Brasil, por exemplo, entrou no caso, fez matéria em cima, foi localizar lá o... O, não... O Garrocho, o Luiz Carlos Garrocho, hoje ele mexe com teatro aí até, da prefeitura, do Luiz Carlos Garrocho. Então, o negócio repercutiu, e pô vamos nessa. E então partimo pa fazer a número dois, que foi essa aqui e a gente, a gente... Abordou aqui o caso do Antônio Luciano, entre outros, entre outros assuntos aqui. Mas a capa foi as duas mil virgens de Dom Luciano, que era um empresário que tinha aqui que era famoso, porque ele gostava de desvirginar mulheres e tal. Então... A partir desse momento então a gente começou a sentir ali, né? O que é apossar, a presença ali da Polícia Federal, chegar umas figuras estranhas lá na redação e tal. E a gente sentiu que começou a ser assediado pela Polícia Federal. E, nesse número, o... Essa matéria que a gente deu do Luciano, foi uma matéria censurada no Jornal Novo Invento... Movimento ou Opinião, eu acho. Era um jornal alternativo que tinha aqui, nacional. O Durval Campos Guimarães e o Teodomiro Braga, eles fizeram uma ampla matéria sobre o Luciano, uma parte dela contando o lado do empresário Luciano, e suas sacanagens, e do outro lado as virgens de sua sacanagem. Então, essa parte das virgens então foi censurada, lá no Opinião e tal. E aí o Durval pegou lá e falou "Pô! Tô com uma matéria aqui, vocês não topam publicar, não? Sobre o ator Luciano e tal e as virgens, e tal? Foi censurada lá, mas der repente aqui dá." Porque o Opinião, e o Movimento e o (Trecho incompreensível) eram censurados, tinha censura prévia. Aí nós num tava ligano pro azar e falamos "é com a gente mesmo, então publicamos essa matéria censurada." E aí tem uma mão de obra danada, porque depois que a revista já estava impressa o Teodomiro tomou conhecimento, Teodomiro Braga, e aí ele falou "Porra, eu não quero ter assinar essa matéria não, (Trecho incompreensível)." Bom, e aí a Polícia Federal começou a chegar junto, nós fizemos o número três e aí a sede do jornal (trecho incompreensível) interesse e foi na minha casa, na casa dos meus pais, que na época eu era solteiro. Então, a gente fez o número três e um belo dia a Polícia Federal baxa lá na casa dos meus pais a tarde, falaram que apreendeu a Sífilis e tals. A minha irmã que estava lá assustada,

né? Eles entraram lá e o que acharam de revista eles levaram. Mas na verdade, lá não era, né? A sede do jornal, mas aí eles deixaram o recado, que é o seguinte. Na época existia uma regulamentação que se a publicação tivesse esse grampo no meio, outro grampo no meio é revista, tirou o grampo é jornal. Então vinha e a (Trecho incompreensível) tinha o grampo, e por ser a revista tinha de ter o registro, porque o grampo tinha de ter, o grampo que ser revista tinha de ter o registro na polícia, no departamento da Polícia Federal. E para ter o registro tinha que passar pela censura. Então vamos ficar aqui, nós teremos o registro aí da revista, aí tal, devolveram para a gente essa revista aqui toda carimbada, corte de censura federal, da capa até, só a página 12 que tem o expediente que não sofreu. Mas o resto foi todo no carimbo da censura. Então virou uma peça rara, né? Para denunciar a censura, porque é o único, é a única publicação que recebeu esse carimbo. Eu acho que esse documento do Lindemberg também é precioso nesse sentido, se quiser doar também lá pro... O memorial, porque é uma prova. Então não tem como falar que não houve censura. Tá aqui, então é isso. E com isso, né? Como eles censuraram toda a revista, nós não tivemos, não pudemos tirar o registro, aí a revista morreu. Morreu, mas a luta continuou. Porque aí aconteceu esse episódio que a Mirian relatou ali do editorial do Jornal de Minas, e eu também trabalhava lá e eu era casado com ela. Eu era casado com ela, tem concurso desde aquela época. Então, com esse episódio lá, né? “Pô! Vamos fazer um jornal nosso” Fomos fazer um jornal nosso e juntamos um monte de jornalistas e não jornalistas e tal, e então partimos para criar o nosso jornal. O jornal alternativo... Que a gente participava dele todo. O jornal então foi funcionar lá na nossa casa, o nosso quarto de casal virou redação, virou redação, imaculamos um quarto menor... E então criamos o jornal e o jornal uma edição pagava a outra. Para fazer o número, né? O primeiro número, cada um deu uma graninha que podia e juntamos o suficiente pra fazer o número um. Depois o número um pagou o dois e assim por diante. Então a gente, o jornal existiu durante, por 28 edições. E era um jornal mensal, mais ou menos mensal. E aí começou também a incomodar, ele começou reunindo os jornalistas e passou... Passaram muitas pessoas lá durante o período... Interessante que eu olho o expediente, cada hora aparece um time, parece que diferente. E muita gente queria participar, naquela época não tinha, nós estávamos ali de baixo, numa... Na ditadura, não tinha partido político, tinha muitos espaços para você atuar politicamente. Então o jornal era uma maneira também de você participar politicamente. Então nós fizemos esse jornal que era, né? A gente participava, o interessante dele também era que a gente participava de todo o processo, desde discutir a pauta, fazer a matéria, a gente mesmo já gravava, a gente às vezes trabalhava a

madrugada discutindo coisa, e na hora que saia a gente morria de medo, na hora, às vezes tem que... Eu lembro que uma vez a gente deu... A Metropol, que é essa polícia do (Trecho incompreensível) chamava de Metropol, e a gente soltou a manchete lá Metropau, e uns cara metendo a borracha lá. Então nós, dessa vez nós não escapamos, é isso que dá sempre na expectativa (trecho incompreensível) pedia explicativa. Porque a gente não tinha censura e também não queria atuar como autocensurador, então a gente não sabia bem o limite, né? O limite que a gente podia atuar. Então lá, por lá passaram inúmeras pessoas, o jornal existiu durante três anos, de 76, 77, 78... E viveu também várias fases, porque foi um entra e sai. Tinha uma equipe mais fixa, mas era um entra e sai de muita gente, né? Então viveu fases diferentes. Mas o fato é que ele acabou também com o, a gente temia, acabou chamando a atenção da repressão e dos terroristas. Eu já tava separado da Mirian e eu morava lá com um amigo, um integrante da equipe, o jornalista, o Fernando Assunção. E então a gente, de madrugada, a gente convivia com aquele negócio do telefone tocar de madrugada, se ia atender, o outro lado não falava nada. Cê ia atender, desligava. Sempre de madrugada. E eu lembro que uma vez eu cheguei lá com a namorada, era tipo meia-noite e o jornal era ali na Floresta, na Contorno, perto do (Trecho incompreensível). Ali você tinha uma favela, ali onde chove... Então era um lugar meio, e nós chegamos ali, eu cheguei lá e vi que tinha algo no ar ali. E tinha umas figuras esquisita, uns caras esquisitos, naquela hora esquisita, e então eu entrei, nós entramos, ela felizmente não notou nada. Eu entrei, ela correu para o banheiro, foi fazer um xixi, eu falei, e o santo não desconfia mesmo. Aí, e o jornal era nos fundos, era um barracão grande nos fundos, então tinha um corredor até a rua. E aí eu desci, falei "pô" na hora que eu chego lá no portão (Trecho incompreensível)...